

COMÉRCIO EXTERIOR NO PERÍODO 1997-2007: o que importa para a agricultura¹

Sueli Alves Moreira e Souza²
José Sidnei Gonçalves³

1 - INTRODUÇÃO

A agricultura brasileira realizou intensas mudanças no decorrer das últimas décadas, promovendo a internalização do padrão agrário da Segunda Revolução Industrial, que implica uma base técnica voltada para os incrementos da produtividade agropecuária (PAIVA, 1996), associada à multiplicação de agroindústrias de bens de capital e insumos, além da agroindústria processadora:

- a) Nos bens de capital e insumos, após não haverem sido concretizados os avanços e as metas previstas no Plano de Metas (1957-1961), notadamente no tocante às agroindústrias de tratores e de fertilizantes (LESSA, 1975), décadas mais tarde, com o II Plano Nacional de Desenvolvimento (II PND) nos anos 1970 construíram-se as principais plantas agroindustriais de produção de fertilizantes, assim como de maquinaria agropecuária (KAGEYAMA et al., 1990).
- b) Também na década de 1970 expande-se a agroindústria processadora, sustentada por políticas públicas ativas (BELIK, 1994).

Esse processo deu-se com profundas modificações da estrutura de consumo, pois a adoção do novo padrão agrário implicou uma significativa convergência do padrão de consumo em torno de algumas mercadorias estratégicas. Na agricultura, a utilização do crédito rural subsidiado da metade dos anos 1960 em diante, com a criação do Sistema Nacional de Crédito Rural (SN-CR), promoveu a generalização do uso de fertilizantes, corretivos e outros agroquímicos, além de tratores e maquinaria agropecuária (PINTO, 1980). Tem-se aí o crédito rural como instrumento de criação de demanda para os bens de capital e

insumos na agricultura. De outro lado, para os consumidores em geral, a instalação e as estratégias dos supermercados não apenas revolucionaram o varejo mas também contribuíram para um avanço convergente em termos de consumo de bens finais (CYRILLO, 1986).

Numa economia que desde os anos 1990 abre-se para o exterior, o movimento das importações cujos valores crescem nos últimos anos (SOUZA e GONÇALVES, 2008) tende a reforçar na economia interna tanto o consumo final de determinados produtos como no consumo produtivo da agricultura também um dado perfil de uso de insumos e máquinas. Este trabalho pretende analisar esses aspectos no tocante às importações, utilizando-se para isso as informações de comércio exterior publicadas pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA), cujos procedimentos metodológicos estão descritos em VICENTE et al. (2001).

2 - IMPORTAÇÕES DA AGRICULTURA NO PERÍODO 1997-2007

As importações da agricultura brasileira concentram-se nas compras de bens de capital/insumos (aumento de US\$3,53 bilhões em 1997 para US\$7,36 bilhões em 2007), nos cereais/leguminosas/oleaginosas (de US\$2,36 bilhões para US\$2,92 bilhão), de produtos florestais (de US\$1,82 bilhão para US\$2,17 bilhões), de têxteis (de US\$1,46 bilhão para US\$1,11 bilhão) e de agronegócios especiais (de US\$0,59 bilhão para US\$0,84 bilhão) (Tabela 1). Os dois principais grupos de produtos importados revelam a dependência externa da agricultura nacional, à medida que no primeiro estão alocados insumos, em especial os químicos para fabricação de fertilizantes e produtos para defesa sanitária, e no segundo as compras de trigo, cereal no qual o abastecimento interno mais depende de importações.

O grau de concentração das aquisições

¹Registrado no CCTC, IE- 32/2008.

²Economista, Pesquisadora Científica do Instituto de Economia Agrícola.

³Engenheiro Agrônomo, Doutor, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

TABELA 1 - Importação por Grupo de Mercadorias, Brasil, 1997 a 2007
(US\$ milhão FOB)

Grupo de mercadorias	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Bens de capital/insumos	3.532	3.326	2.792	3.103	3.211	2.767	3.342	4.991	4.498	4.730	7.358
Cereais/leg./oleaginosas	2.360	2.770	1.840	1.871	1.761	1.744	2.161	1.663	1.545	2.006	2.920
Produtos florestais	1.820	1.776	1.289	1.473	1.214	994	977	1.194	1.340	1.812	2.166
Têxteis	1.455	1.106	724	666	373	273	327	416	434	739	1.107
Agronegócios especiais	592	592	471	480	442	450	431	553	562	662	836
Frutas	442	448	337	303	290	221	214	277	364	486	578
Pescado	448	456	290	301	267	223	213	262	306	453	568
Bovídeos - bovinos	951	930	714	710	445	471	322	311	366	431	539
Olerícolas	479	489	340	289	272	242	218	272	326	369	478
Café e estimulantes	126	116	138	102	71	132	145	92	122	142	232
Suínos e aves	69	66	54	49	47	52	40	55	65	69	100
Cana e sacarídeas	267	73	64	61	102	53	49	54	65	86	97
Flores e ornamentais	55	54	41	49	39	36	43	44	57	72	80
Fumo	92	78	13	18	25	25	25	20	22	30	42
Agricultura	12.689	12.278	9.109	9.473	8.561	7.682	8.508	10.203	10.073	12.086	17.103

Fonte: Elaborada pelo IEA-APTA, a partir dos dados básicos da SECEX/MDIC.

externas da agricultura brasileira não apenas já se mostrava elevado como isso se aprofunda no período 1997-2007. Os cinco principais grupos de produtos que em 1997 somavam US\$9,77 bilhões em dispêndio de divisas (76,91% do total), em 2007 totalizaram US\$14,39 bilhões (84,12%). Nesse período as importações setoriais cresceram 34,79%, sendo que os acréscimos se deram em bens de capital/insumos (+108,32%), café e estimulantes (+84,13%), flores e ornamentais (+45,45%), suínos e aves (+44,93%) e agronegócios especiais (+41,22%). Os maiores decréscimos de importações setoriais ficaram por conta de cana e sacarídeas (-63,67%), fumo (-54,35%), bovídeos (-43,32%), têxteis (-23,92%) e olerícolas (-0,21%) (Tabela 1). Dos que tiveram incremento, os mais expressivos em termos de valor são os bens de capital e os agronegócios especiais, e nos que sofreram redução os têxteis.

No detalhamento dos principais grupos de mercadorias importadas pela agricultura brasileira destacam-se os bens de capital/insumos, cujos dispêndios de US\$7,36 bilhões em 2007 concentraram-se fundamentalmente em fertilizantes e corretivos com US\$4,56 bilhões (62,00%), químicos para defesa da agricultura com US\$0,82 bilhão (11,15%) e maquinaria e peças com US\$1,83 bilhão (24,93%) (GONÇALVES; VICENTE; SOUZA, 2008). Numa agricultura em que a produtividade do trabalho decorre da mecanização intensa de processos e de práticas

agropecuárias insumo-intensivas em especial com maior uso de fertilizantes, esse indicador de importação de fertilizantes, tal como do petróleo que move as máquinas, os caminhões e é matéria-prima também para fertilizantes e agroquímicos, trata-se de um grau de dependência por demais elevado (GONÇALVES, 2007). Ainda que tenha realizado nos últimos anos uma produção próxima (por vezes superior) ao patamar de consumo, os preços internos do petróleo e derivados são pareados nas cotações internacionais.

Outra conta de importação da agricultura brasileira que se mostra relevante consiste na de cereais/leguminosas/oleaginosas, da qual dos US\$2,92 bilhões despendidos com importações em 2007, o montante de US\$1,63 bilhão (55,70%) foi gasto com compras de trigo (GONÇALVES; VICENTE; SOUZA, 2008). As condições de produção de trigo no Brasil são desvantajosas em relação às encontradas na Argentina e nos Estados Unidos, ficando a produção nacional à mercê de preços internacionais mais elevados que abrem perspectiva de sustentabilidade econômica, uma vez que, no período posterior a 1990, foi desmontado todo aparato de políticas públicas de sustentação. Já no caso dos têxteis, dos US\$1,11 bilhão gasto com importação, US\$0,88 bilhão (79,90%) corresponde a produtos finais (GONÇALVES, 2007). Trata-se, neste caso, de trocas normais com agroindústrias têxteis de outras nações, que são impulsionadas com câmbio sobrevalorizado.

Nas importações da agricultura paulista, os cinco principais grupos de produtos foram os bens de capital/insumos (de US\$1,68 bilhão em 1997 para US\$1,74 bilhão em 2007), os produtos florestais (de US\$1,13 bilhão para US\$1,17 bilhão), os cereais/leguminosas/oleaginosas (de US\$0,69 bilhão para US\$0,73 bilhão), os agronegócios especiais (de US\$0,33 bilhão para US\$0,38 bilhão) e pescado (de US\$0,20 bilhão para US\$0,33 bilhão). Conquanto tenha havido concentração nas importações setoriais paulistas no período 1997-2007, ela foi menor que a ocorrida no Brasil como um todo, pois esses cinco principais grupos de produtos que em 1997 somaram compras no valor de US\$4,03 bilhões (72,01%), no ano de 2007 totalizaram US\$4,34 bilhões (79,92%) (Tabela 2).

Diferentemente da agricultura brasileira que apresentou elevação das importações setoriais (+34,79%), na paulista verifica-se redução, ainda que pequena (-2,90%). Os maiores incrementos foram nas aquisições de suínos e aves (+100,00%), pescado (+68,18%), flores e ornamentais (+42,31%), agronegócios especiais (+14,59%), frutas (+6,22%), cereais/leguminosas/oleaginosas (+5,69%), bens de capital/insumos (+3,33%), produtos florestais (+3,09%). Já as diminuições ocorrem com cana e sacarídeos (-50,00%), têxteis (-46,56%), bovídeos (-43,05%), café e estimulantes (-35,71%), fumo (-25,00%) e olerícolas (-13,27%) (Tabela 2). Nas que apresentaram crescimento, em função da expressão dos valores absolutos envolvidos, mostram-se relevante os casos do pescado, cereais/leguminosas/oleaginosas, enquanto nos casos de redução, destacam-se os têxteis. Nesses casos, as razões são similares às da agricultura brasileira como um todo, com compra de pescado e de trigo para o abastecimento interno e de têxteis finais, compras que ganharam estímulo nos últimos anos pela valorização da moeda brasileira (GONÇALVES; VICENTE; SOUZA, 2008).

Nas importações das demais unidades da federação, dentre os cinco principais grupos de mercadorias do período 1997-2007, também a principal posição são dos bens de capital/insumos (de US\$1,85 bilhão para US\$5,62 bilhões), seguidos dos cereais/leguminosas/oleaginosas (de US\$1,67 bilhão para US\$2,20 bilhões), dos produtos florestais (de US\$0,69 bilhão para US\$1,00 bilhão), dos têxteis (US\$0,87 bilhão para US\$0,80 bilhão) e dos agronegócios especiais (US\$0,26 bilhão para US\$0,46 bilhão).

Esses grupos, cujas importações somavam US\$5,35 bilhões (75,36%) em 1997, passaram a totalizar US\$10,07 bilhões (86,27%) em 2007, indicando maior concentração (Tabela 3).

No geral, as aquisições externas das agriculturas das demais unidades da federação, no conjunto, tiveram o crescimento expressivo de 64,51% no período 1997-2007, enquanto no caso paulista houve recuo de 2,90% no mesmo espaço de tempo. Ocorreu crescimento nos grupos de produtos de café e estimulantes (+233,93%), dos bens de capital/insumos (+203,78%), dos agronegócios especiais (+74,52%), das frutas (+52,79%), das flores e ornamentais (+48,28%), dos produtos florestais (+45,41%), das cereais/leguminosas/oleaginosas (+31,12%), dos suínos e aves (+13,64%) e das olerícolas (+8,83%). Por outro lado, verifica-se queda na cana e sacarídeos (-70,17%), no fumo (-55,68%), nos bovídeos (-43,32%), nos têxteis (-8,82%) e no pescado (-6,00%) (Tabela 3). Desses, pela relevância dos valores envolvidos, mostra-se interessante destacar que, como na agricultura brasileira no seu todo, os bens de capital/insumos concentram-se em fertilizantes e agroquímicos, tendo avançado também os agronegócios especiais e as frutas, e os têxteis, os bovídeos e o pescado apresentaram decréscimos.

As principais participações da agricultura paulista nas importações setoriais nacionais estão concentradas nos grupos de mercadorias do pescado (44,20% em 1997 e 58,62% em 2007), dos produtos florestais (62,25% e 53,90%), dos suínos e aves (36,23% e 49,68%), das flores e ornamentais (47,27% e 46,56%) e dos agronegócios especiais (55,57% e 45,07%). No tocante à evolução dessa participação, nota-se que em apenas 4 grupos de produtos, há crescimento da participação paulistas e 1 praticamente mantendo-se no mesmo patamar, quais sejam pescado (14,42 pontos percentuais indo de 44,20 em 1997 e 58,62% em 2007), suínos e aves (13,45%), cana e sacarídeos (12,31%), fumo (3,35%) e bovídeos (0,09%) (Tabela 4).

Na maioria dos grupos há queda da representatividade paulista, sendo as mais relevantes o café e estimulantes (-36,17%), os bens de capital/insumos (-24,00%), os têxteis (-11,87%), os agronegócios especiais (-10,50%), as frutas (-8,90%), os produtos florestais (-8,35%), as olerícolas (-5,28%), os cereais/leguminosas/oleaginosas (-4,23%) e as flores e ornamentais (-0,71%). Destaque-se que, no seu conjunto, a agricultura

TABELA 2 - Importação por Grupo de Mercadorias, São Paulo, 1997 a 2007
(US\$ milhão FOB)

Grupo de mercadorias	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Bens de capital/insumos	1.682	1.592	1.256	1.203	1.245	966	1.178	1.650	1.486	1.564	1.738
Produtos florestais	1.133	1.087	822	905	721	600	570	680	731	995	1.168
Cereais/leg./oleaginosas	686	773	511	500	469	434	556	437	403	553	725
Agronegócios especiais	329	329	280	269	237	244	213	256	269	312	377
Pescado	198	206	148	160	152	128	113	147	180	272	333
Têxteis	582	403	232	204	152	117	125	142	180	243	311
Frutas	209	188	134	120	149	131	119	142	169	205	222
Bovideos-bovinos	367	339	241	259	160	156	81	75	105	150	209
Olerícolas	196	172	137	128	139	146	106	124	125	142	170
Suínos e aves	25	26	25	21	20	21	19	29	29	34	50
Café e estimulantes	70	55	25	18	18	24	33	19	25	33	45
Cana e sacarídeas	86	41	38	31	73	34	27	32	37	50	43
Flores e ornamentais	26	25	18	23	16	17	21	24	33	38	37
Fumo	4	3	2	3	2	2	3	3	4	4	3
Agricultura	5.594	5.239	3.871	3.845	3.553	3.021	3.165	3.759	3.777	4.595	5.432

Fonte: Elaborada pelo IEA-APTA, a partir dos dados básicos da SECEX/MDIC.

TABELA 3 - Importação por Grupo de Mercadorias, Outras Unidades da Federação, 1997 a 2007
(US\$ milhão FOB)

Grupo de mercadorias	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Bens de capital/insumos	1.850	1.734	1.536	1.900	1.966	1.801	2.164	3.341	3.012	3.166	5.620
Cereais/leg./oleaginosas	1.674	1.997	1.329	1.371	1.292	1.310	1.605	1.226	1.142	1.453	2.195
Produtos florestais	687	689	467	568	493	394	407	514	609	817	999
Têxteis	873	703	492	462	221	156	202	274	254	496	796
Agronegócios especiais	263	263	191	211	205	206	218	297	293	350	459
Frutas	233	260	203	183	141	90	95	135	195	281	356
Bovideos - bovinos	584	591	473	451	285	315	241	236	261	281	331
Olerícolas	283	317	203	161	133	96	112	148	201	227	308
Pescado	250	250	142	141	115	95	100	115	126	181	235
Café e estimulantes	56	61	113	84	53	108	112	73	97	109	187
Cana e sacarídeas	181	32	26	30	29	19	22	22	28	36	54
Suínos e aves	44	40	29	28	27	31	21	26	36	35	50
Flores e ornamentais	29	29	23	26	23	19	22	20	24	34	43
Fumo	88	75	11	15	23	23	22	17	18	26	39
Agricultura	7.095	7.039	5.238	5.628	5.008	4.661	5.343	6.444	6.296	7.491	11.672

Fonte: Elaborada pelo IEA-APTA, a partir dos dados básicos da SECEX/MDIC.

paulista praticamente reduz sua participação nas importações setoriais nacionais em expressivos 12,33 pontos percentuais (de 44,09% em 1997 para 31,76% em 2007) (Tabela 4).

A análise das importações, tanto da agricultura brasileira como um todo como da paulista e das demais unidades da federação, mostra uma enorme convergência em torno de um padrão de consumo, o que também consiste numa das características inerentes ao padrão da 2ª Revolução Industrial. As diferenças regionais estão associadas à maior ou menor disponibilidade de determinados produtos, mas não confi-

guram diferenças estruturais da ótica do que aqui interessa que é a diferenciação entre agriculturas regionais em relação a São Paulo. A tônica de todos os casos, com maior ou menor intensidade, consiste na aquisição de trigo com o que o grupo de mercadorias de cereais/oleaginosas/ leguminosas assume destaque mais expressivo. Da mesma forma, o pescado, mesmo o arroz e os têxteis também surgem nessa pauta de importações.

A diferenciação que interessa para a distinção estrutural entre agriculturas regionais está nos bens de capital e insumos relevantes para a dinâmica produtiva setorial. A maioria das

TABELA 4 - Participação Paulista nas Importações da Agricultura Brasileira, por Grupo de Mercadorias, 1997 a 2007

Grupo de mercadorias	(em %)										
	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Pescado	44,20	45,18	51,03	53,16	56,93	57,40	53,05	56,11	58,82	60,04	58,62
Produtos florestais	62,25	61,20	63,77	61,44	59,39	60,36	58,34	56,95	54,55	54,91	53,90
Suínos e aves	36,23	39,39	46,30	42,86	42,55	40,38	47,50	52,73	44,62	49,28	49,68
Flores e ornamentais	47,27	46,30	43,90	46,94	41,03	47,22	48,84	54,55	57,89	52,78	46,56
Agronegócios especiais	55,57	55,57	59,45	56,04	53,62	54,22	49,42	46,29	47,86	47,13	45,07
Cana e sacarídeas	32,21	56,16	59,38	50,82	71,57	64,15	55,10	59,26	56,92	58,14	44,52
Bovídeos - bovinos	38,59	36,45	33,75	36,48	35,96	33,12	25,16	24,12	28,69	34,80	38,68
Frutas	47,29	41,96	39,76	39,60	51,38	59,28	55,61	51,26	46,43	42,18	38,39
Olerícolas	40,92	35,17	40,29	44,29	51,10	60,33	48,62	45,59	38,34	38,48	35,64
Têxteis	40,00	36,44	32,04	30,63	40,75	42,86	38,23	34,13	41,47	32,88	28,13
Cereais/leg./oleaginosas	29,07	27,91	27,77	26,72	26,63	24,89	25,73	26,28	26,08	27,57	24,84
Bens de capital/insumos	47,62	47,87	44,99	38,77	38,77	34,91	35,25	33,06	33,04	33,07	23,62
Café e estimulantes	55,56	47,41	18,12	17,65	25,35	18,18	22,76	20,65	20,49	23,24	19,39
Fumo	4,35	3,85	15,38	16,67	8,00	8,00	12,00	15,00	18,18	13,33	7,70
Agricultura	44,09	42,67	42,50	40,59	41,50	39,33	37,20	36,84	37,50	38,02	31,76

Fonte: Elaborada pelo IEA-APTA, a partir dos dados básicos da SECEX/MDIC.

estatísticas com viés “ruralista”, com o intuito de tornar mais robusto o desempenho setorial, sequer considera esta conta em que foram gastos, em 2007, nada menos que US\$7,36 bilhões em importações. Como nesse mesmo item, o Brasil exportou US\$2,33 bilhões, há o déficit de US\$5,03 bilhões a contabilizar, o que não é nada desprezível (GONÇALVES; VICENTE; SOUZA, 2008). Mais relevante ainda considerar que nesse grupo há diferenças relevantes entre a agricultura paulista em relação à das demais unidades da federação.

Nas demais unidades da federação, a parcela expressiva das compras externas setoriais foi com fertilizantes e corretivos que somaram US\$3,88 bilhões (69,03%), sendo que em São Paulo a proporcionalidade se mostra muito menor (39,26%) (Tabela 5). A primeira questão a ser comentada consiste no fato de que as megalavouras dos cerrados exigem elevado uso de fertilizantes e corretivos para que se obtenha elevada produtividade, por serem solos menos férteis. O segundo consiste que nessa região pratica-se uma agricultura insumo-intensiva, o que por si só já exige volumes substanciais desses agroquímicos. A leitura regional mostra também que se esgotou a capacidade de produção estruturada no II Plano de Desenvolvimento Nacional, localizada no Sul-Sudeste, determinando maiores importações para sustentar as modernas megalavouras dos cerrados.

Para finalizar, no mesmo sentido dos

agroquímicos, o percentual das compras para uso na defesa da agricultura se mostra percentualmente maior em São Paulo (22,05%) que nas demais unidades da federação (7,78%) (Tabela 5). Isso decorre de que parcela dessas compras referem-se a princípios ativos destinados às fábricas paulistas de produtos para defesa da agricultura que se destinam também às agriculturas das demais unidades da federação. Assim há que se destacar o fato que São Paulo também importa percentualmente mais maquinaria e peças para agricultura (34,78%) que as demais unidades da federação (21,88%). A explicação para isso está, principalmente, em peças de reposição e maquinário agroindustrial cuja estrutura produtiva paulista se mostra mais avantajada que a das demais unidades da federação brasileira.

3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das importações da agricultura brasileira revela a generalização do padrão de consumo inerente à 2ª Revolução Industrial na economia brasileira. Isso se faz sentir tanto no consumo da agropecuária à medida que se ampliam as compras externas de bens de capital e insumos para fazer frente à expansão da área agropecuária, como no próprio abastecimento em que emergem as necessidades principalmente da entrada de trigo de outras nações para atender à demanda dos consumidores.

TABELA 5 - Composição das Importações de Bens de Capital e Insumos para Agricultura, Estado de São Paulo, Outros Estados e Brasil, 1997-2007

Bens de capital e insumos	Brasil		São Paulo		Demais estados	
	US\$ bilhão	%	US\$ bilhão	%	US\$ bilhão	%
Fertilizantes e corretivos	4,56	62,00	0,68	39,26	3,88	69,03
Agroquímicos de defesa da agricultura	0,82	11,15	0,38	22,05	0,44	7,78
Maquinaria e peças	1,83	24,93	0,60	34,78	1,23	21,88
Agentes para processamento	0,14	1,92	0,07	3,92	0,07	1,31
Total	7,36	100,00	1,74	100,00	5,62	100,00

Fonte: Elaborada pelo IEA-APTA, a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

Dois produtos são bem emblemáticos da dependência de importações da agricultura brasileira: os fertilizantes e o trigo. Na ótica do consumo produtivo surgem os fertilizantes sem o que os ganhos de produtividade da terra, em especial dos solos de cerrados, não se concretizariam. Assim, ao mesmo tempo em que se ampliam as lavouras de grãos e fibras no padrão insumo-intensivo, amplificam-se as necessidades de compras externas elevando o grau de dependência setorial de produto que aqui não se tem capacidade produtiva instalada, e não se pode obtê-la no curto prazo, para suprir a demanda.

Da ótica do consumo humano, o caso mais relevante consiste no trigo que move uma ampla agroindústria de panificação, confeitaria e massas alimentícias. Nesse ponto, há que se ter nítido que as tentativas de obtenção de produção nacional estável de trigo, em patamar ao menos próximo do consumido, não resistiu ao desmonte dos estímulos da política de substituição de importações executadas nos anos 1970 e 1980 com esse intuito. Também se mostraram infrutíferas as diversas tentativas de generalizar o consumo de farinhas mistas, substituindo parte do trigo importado por produtos aqui produzidos como a mandioca. Em síntese, mais uma vez a força da convergência do padrão de consumo se

fez poderosa e avassaladora.

Quando se avaliam as importações da agricultura paulista em relação às demais unidades da federação brasileira, para os produtos de consumo humano como trigo e outras mercadorias, dada a similaridade do padrão de consumo, não se verificam diferenças expressivas. Entretanto, dadas as bases estruturais das respectivas agropecuárias, a distinção estrutural entre agriculturas regionais está nos bens de capital e insumos relevantes para a dinâmica produtiva setorial.

Nas demais unidades da federação, a parcela expressiva das compras externas setoriais foi com fertilizantes e corretivos (69,03%), sendo que em São Paulo a proporcionalidade se mostra muito menor (39,26%). Isso leva a duas considerações relevantes: a) as megalavouras, em especial dos cerrados, respondem por parcela expressiva dessas importações dado o elevado uso de fertilizantes e corretivos para que se obtenham altas produtividades, por serem solos menos férteis; b) a capacidade de produção estruturada desses bens de capital e insumos, construída no II Plano de Desenvolvimento Nacional, está localizada no Sul-Sudeste e não vem sendo ampliada no ritmo da expansão agropecuária, determinando maiores importações para sustentar as modernas megalavouras dos cerrados.

LITERATURA CITADA

BELIK, W. **Um estudo sobre o financiamento da política agroindustrial no Brasil (1965-87)**. IE/UNICAMP, Campinas: UNICAMP/IEA, 1994. 58 p. (Texto para Discussão, n. 35).

CYRILLO, D. C. **O papel dos supermercados no varejo de alimentos**. 1986. Tese (Doutorado) - Faculdade de Economia e Administração, Universidade de São Paulo, São Paulo.

GONÇALVES, J. S. Crescimento do produto e conteúdo da produtividade na agropecuária brasileira do período 1975-2003. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 37, n. 8, p. 30-40, ago. 2007.

GONÇALVES, J. ; VICENTE, J. R.; SOUZA, S. A. M. **Balança comercial dos agronegócios paulista e brasileiro no ano de 2007**. São Paulo: APTA/IEA, jan. 2008. Disponível em : < <http://www.iea.sp.gov.br>>.

KAGEYAMA, A. et al. O novo padrão agrícola brasileiro: do complexo rural aos complexos agroindustriais. In: DELGADO, G. C.; GASQUES, J. G.; VILLA VERDE, C. M. (Org.). **Agricultura e política públicas**. Brasília: IPEA, 1990. p. 113-224.

LESSA, C. **Quinze anos de política econômica**. Campinas: UNICAMP, 1975. 95 p.

PAIVA, R. M. Uma característica da agricultura em São Paulo. **Agricultura em São Paulo**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 175-180, 1996.. (Original publicado em O Estado de S. Paulo, 12 mar. 1946).

PINTO, L. C. G. **Notas sobre a política agrícola e crédito rural**. Campinas: UNICAMP/IEA, 1980. 344 p.

SOUZA, S. A. M.; GONÇALVES, J. S. **Balança comercial dos agronegócios paulista e brasileiro no período 1997-2007**. São Paulo: APTA/IEA, mar. 2008. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br>>

VICENTE, José R. et al . **Sistema de importações e exportações dos agronegócios: conceituação e análise dos resultados, 1997-2001**. APTA/SAA, São Paulo: SAA/APTA, 2001. 356 p. (Série Ação Apta, 5).

COMÉRCIO EXTERIOR NO PERÍODO 1997-2007: o que importa para a agricultura

RESUMO: *A análise das importações, tanto da agricultura brasileira como um todo como da paulista e das demais unidades da federação, mostra uma enorme convergência em torno de um padrão de consumo, o que também consiste numa das características inerentes ao padrão da Segunda Revolução Industrial. A diferenciação que interessa está nos bens de capital e insumos relevantes para a dinâmica produtiva setorial. A expansão de uma agricultura insumo-intensiva exige volumes substanciais fertilizantes e outros agroquímicos que são importados, revelando que se esgotou a capacidade de produção estruturada no II Plano de Desenvolvimento Nacional (II PND) dos anos 1970. Isso porque as fábricas do Sul-Sudeste dão conta apenas do atendimento da demanda regional, exigindo mais compras externas para atender as demais regiões brasileiras.*

Palavras-chave: *agricultura, agronegócios, balança comercial, importações.*

FOREIGN TRADE OVER 1997-2007: What matters to agriculture

ABSTRACT: *The analysis of Brazilian agricultural imports, both as a whole and by the state of São Paulo and other states, shows a strong convergence around a consumption pattern, which is also one of the characteristics inherent in the Second Industrial Revolution pattern. The differentiation that matters lies in capital goods and inputs relevant to the sector's production dynamics. Expanding from an input-intensive agriculture requires substantial volumes of fertilizers and other pesticides which are imported, which reveals that the production capacity structured by the II National Development Plan (II PND) in the 1970's. Accounting for this is the fact that the factories in the South and Southeaster regions of the country can only meet regional demands, thus more foreign purchases are required to meet demands of the other Brazilian regions.*

Key-words: *agriculture, agribusiness, trade of balance, imports, Brazil.*

Recebido em 01/04/2008. Liberado para publicação em 09/05/2008.